

“Ab imo corde”¹: vozes e intro-ditos a Machado de Assis

“*Ab imo corde*”: voices and ‘intro’- words to Machado de Assis

Ruan Costa Vasconcelos Silva²

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Bras Cubas**. 2ª ed. São Paulo: L&P Editores, 2008.

Quero chupar o mundo, e no seu azedume, cuspir-lhe a casca podre, revelando-lhe sua *nadação*, cheia dos sabores, hálitos, da saliva emaranhada de enzimas, quebras, cortes, viúvinhas do frescor. Docinho. Passa. Não gosto de ameixa, casca mole, sem cor, mui enrugada. Passa passa logo, engulo o miolo, garganta a baixo, lá dentro que se embole, caroço. Porém à boca: arde. Enruga-me as bochechas, eriça os pelos, é ranhura. Ranzinza. Doce e lépido ranzinza. Soturno e leve. *Levidão* das coisas passadas, da frieza humana. Sua obra: exaltação estilística da frieza humana, como no bom realismo de época, como no caráter cadavérico da vida, e desmedição das contradições dessa exaltação na narrativa, nas palavras, nos ditos e reditos. Enfim, sem fim, bruxo de imagens bruxuleantes, por Drummond. Brasileiro “milagre”, sem causas, gênio, por Bloom. Vozes que ecoam Machado de Assis, o autor, o motivo da resenha...

Velho barbudo ranzinza, bruxo desvairado, sem métricas, vai, abre a boca, defunto ...: ao verme que primeiro leu estas alvas páginas, de papel embotado do tempo, entre-furado de terra, lama e estamentos: desenterra a vida, sai do sepulcro Lázaro, que nem és Maria, a amante aos pés, lacrimejando lágrimas, nem Marta, a servidora da cozinha, a correr olhando para os lados, buscando ciência das coisas passadiças. Como Lázaro, Machado, olhas entre a vida e a morte... “Decifra-me mistérios...” Entre os oráculos, tantos, és palhaço, severo e risonho palhaço. Se nem todos riem de tua mascarada, não obtuso, ficas sendo pai da nação, “fundador”. Graças! Sobre nossos pés um “demolidor de religiões” vãs.

¹ “Lembra-te que és pó”. Aforismo do autor do livro bíblico de Eclesiastes.

² Graduação em Direito pela UFPE.

Ah, vaidade da vida, que o sábio diria, e tu, não te importas à sabedoria, a não ser que ela te apareça na mente, tu lutes com ela durante o dia, e depois se sente a conversar e tediado, destediado, passar o tempo...

Cabe-te mesmo caber-se na imensidão do Inexplicável, que te aparece à juventude, perdendo-te a mãe, e vai-te acompanhando até que chegues ao teu estado glorioso, corpo em corrupções: gastar com a pena o tempo eterno que tens embaixo da terra, no ar, em algum ponto qualquer das nuvens, ignorado dos vivos ou uma espécime de fantasma de Hamlet, a vagar todo solto, dividindo em trapézios e animais as ideias fixas do ser, esses sentimentos sutis, “volúpias” que cabem à vida humana, nesse barroquismo heraclítico corrente, sem ordem, “estilo frouxo”. Afinal, sentir todos sentem, e choram os românticos aos “lugares-comuns”, suspiram, mas só aos mortos abre-se a franqueza da experiência dalém mundo, e a morte, não se fala, se vive; só Deus para entender os homens, só Deus em Cristo crucificado, exaltado. Só homem vivo-morto, morto-vivo, meio coxeante, cambaleante, “ébrio”, cortado ao meio, e todo rindo-se, das coisas passadas que não se passa mais, passa o fio da vida em monturo de flores, “em flor”, só o momento, o pensamento, flores des-embotando-se, girassol de condescendências e olhares. Amor de coxas e estouradas, joias alvas de outrem.

Tu passas essas dissoluções do espírito, reminiscências de ideias de viagens, quando leio e olho a janela, olho e leio a janela, quando a janela, muito mais o cérebro, me decifra o livro, se és daquele que de apreço (tens) a visão estática. Eh, amém que temos ilusões, só para depois despedaçá-las, alguns raivosamente, como inspetores da justiça(,)socialmente convocam a plateia e bradam: tal e tal, provas, números, andares. Tu, indiferente, naquela nadação do éter, naquela quase nada³, ficas sendo humano, neste ser é tempo, encontros com o fui, mas o que mais ainda serei? Um pai dos tolos? Vai, ideias fixas, adolescências das mentes, entre-jogos dos dias, que um após outro insistem em sobre pôr-se, tem que as dizes, como tua memória, tua mesma vida, que tem de real? Vou dizer-te leitor, não há nada que não tenha passado na mente que na vida não tenha já estourado, e nada na vida que na mente não tenha já sido, **jazido**. Pois todos os estouros mesmos refluxos são do cérebro no coração, alma dupla. Digo, a teu contragosto, o que os move mesmo são as ideias, digo, o mover é o baú fechado em que as colocamos para repousarem, para pensarmos nela

³ Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*

depois das diversões. Acompanha, sapiente entre-cruzador dos passos soltos, as pessoas, não são ideias? Que é o ato senão o processo, e a potência o pensamento?

Vai, deixo-te deixar estes aristotelismos e pascalices de lado, no baú, cuidado, as trancas arrotam-se em meio aos ferrolhos, e os monstros, homens, digo, saem, todo santos, políticos, Lobos Novos, baronesas e marquesas. Fica só com isto: o ser, ridículo é, em querer descobrir as intenções, só o morto sabe o que fez, já feito, só lhe resta lembrar-se, mesmo que se diga: *“Este é o mal que há em tudo quanto se faz debaixo do sol: que a todos sucede o mesmo. Também o coração dos filhos dos homens está cheio de maldade; há desvarios no seu coração durante a sua vida, e depois se vão aos mortos. Ora, para aquele que está na companhia dos vivos há esperança; porque melhor é o cão vivo do que o leão morto. Pois os vivos sabem que morrerão, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco têm eles daí em diante recompensa; porque a sua memória ficou entregue ao esquecimento.”*⁴

E do esquecimento, nasce a memória, de letos a mnemese, que sob o pairar eterno das ideias, em Plutão, ou seja Platão, prata reluzente na Academia a teorizar as estrelas, cadentes, fica o pano translúcido, o leite matoso, materno, a Via Lactea, do esquecimento, oblivion, sob o jugo do qual todas as coisas de cá passam, repassam em canoa quebrada em rios, alma quebrada: memória e esquecimento, flor e odores – enxofre francês, perfumado. E que perfume tem a virtude?, espada de dois gumes, que penetra as profundezas da alma⁵, a espada e o vagalume, luz não há, só neblina, na terra dos mortos, e já faria as películas, os mortos riem, escabrosos; Intocáveis.

Aproveita: lê a sinceridade aguda do morto, ah, mais vivo que os vivos. Seja vivo, de noite, o ladrão assalta, deveras de dia, agora, que a pêndula pendula, e o demônio ensaca as passas e ameixas. Frescores e fidúcias: tudo ensacado, esperando a barca do lixo – no pessimismo. Por que mesmo tu, perspicaz leitor, não se enredando na leitura pelo enredo, só o autor enunciar tal possibilidade no capítulo LXXI já o aguça o aguçar os instintos, de experimentalismos.

⁴ Bíblia Sagrada. Eclesiastes. Capítulo 9. 3-5.

⁵ Idem, Hebreus IV. 12-13: “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até a divisão de alma e espírito, e de juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração. E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele a quem havemos de prestar contas.”

Mais algo: quando assistires o jornal, acompanhado de Tio João, Nhonhozinho, Vilaça, Dona Eusébia, pai Cubas, e o patriota casal intrigado das posições firmes, a ler indignado o lembra-te, é ridículo, irônico, inesperado que louco vás sair à rua, ficas louco mesmo em tua casa. Se rires alto, as opiniões te recriminarão, e a melancolia vai corroer-te, como um verme, melhor seria que risses de esguelha, esperando que compreendessem tua piada. E se não rissem, vai, que os anos são sempre os mesmos, mesmo. Só não trocas joias por amor, que Marcela, vermelha, de Marte, já sabe, a Sandice é insidiosa em ocupar o comando da casa, chama Vigília, Razão, controla-te, não deixa a vertigem oprimir-te o cérebro, com os problemas dos mortos, já morreram mesmo, são só(s) palavras e vento. Quase furacão. Cuidado com os sonhos, a casa vagueia como em rocha mole nestes dias, acaba-se por ver a Natureza, e suas miudezas, as guerras e as pazes, as pazes e as guerras, por Schopenhauer, não por Taine. Então dizes: és pai para dar os conselhos? Tu não deverias ser conversador, trocador de ladrilhos literários? Eh, não sou mesmo o Machado, fico na minha juventude romântica. Não o sigo em sua maturidade moderna, realista, sublime, seu universo, *machadiano*, que é só dele. Desconheço as fanfarras com o leitor, sou patusco de verbo solto.

O experiente leitor estranha essas minhas pessoalidades, intimidades, esses risinhos sem causas, essa sapiência de velho louco, preste a cair sem si, vento do tempo. É, estranha mesmo, pois toras pelo rio vão, de onde vem? Madeira! Ah machadadas!

Caí à realidade. Assim, seguem uns parágrafos técnicos, daqueles de rasgar as finas sedas: Sua (do Machado de Assis, de fins do século XIX, abre ao brasileiro o realismo em 1889, com este que falamos: as memórias, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de capa, de folha com rosto, encarado, intrigado, timidamente cubista, lábios largos, leve sorriso, os olhos olham para mim, me paralisam – uma tentativa de dizer Brás Cubas. Edição com apresentações bem boas e ditadas pelo crítico, e suplementos de onde e como se fabricou e virtuou 6 o Machado. Os enquadramentos de conto, aos curiosos, segue acima, no número exaltado, digo logo, não tem conflito ⁷) esterilidade hilariante, dono da linguagem, da narrativa, sua modernidade de interlocução, metalinguagem, nos indagar faz, seguindo a ordem do pensamento: será que os mortos falam a língua dos anjos? O além-papel será menos natural, pela eternidade de sua fabricação, tecelagem? E o método, regido pelas

⁶ Neologismo a partir de “atuou” e “virtude”, entendida como excelência de um caráter.

⁷ ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 28ª ed. São Paulo: Ed. Ática – Série Bons Livros, 2002.

circunstâncias: a morte, esse passo a frente da vida, re-fletir as sensações pelas ideias, e dizê-las, a meia-voz, despido das corrupções de hipo-crisias.

A propósito, seguindo o estilo comum, vamos por fisio-ontologias: o espírito humano tem duas casas no corpo: o coração e a mente, o sentimento e a razão, a sensação e o pensamento. Entre eles fica a percepção, a palavra, a voz, os dizeres, a comunidade, as entonações, as intenções. Coube a Machado de Assis situar sua obra nesse inter-dito, que a alta literatura permanentemente se ocupa de dizer. Recônditos da alma humana, desvelados nas relações sociais permeadas de interesses e hipocrisias.

Para dizer o não dito, Machado vai além do descritivismo de muitos autores de sua época, e lança-se na odisseia do pensamento, do ser sem coberturas doces. Ele promove a escavação da mente humana, perscrutando as camadas da reflexão, das sucessões de percepções, ideias, que por vezes acabam-se em ironias, em cenas inesperadas.

Em *Memórias Póstumas* a narrativa é organizada em torno do pensamento e das ideias, inseridas no mundo interior do narrador-personagem, ideias essas que desembocam nas ações, que são seus reflexos, mesmo quando irônicos e incitadores de novas digressões.

(Seguem-se provas, heranças do direito romano, reflexos da descrença humana na palavra do homem, seguem-se os exemplos, notificações: a moeda, super-ego de Virgília; os réis de Brás Cubas, passando de prata a cobre na mão do almocreve; o desfecho da personagem Marcela).

Disso brota o pessimismo, pois a ironia é o que não se espera, aquilo de que não se tem esperança. E tudo o que é insólito, pedregoso é ao ego humano. Machado, no bom espírito realista da segunda metade do século XIX, dá um salto por Sterne, antecipa Freud, sobe por Schopenhauer, para mergulhar nas “feridas narcísicas” humanas, nas fraquezas das relações sociais, dos romances, da família, das amizades, e, enfim, na própria fraqueza orgânica do ser, que morre, falece, desfalece. A originalidade é que Machado encara tudo isso com o desdém de um morto. Desdém que não se confunde com impassibilidade ou imparcialidade, já que Machado ou Cubas bem sabe que os meandros existenciais-psicológicos do ser humano não são desprezíveis, até porque constituem a matéria de sua obra, ou o passatempo de seu estado póstumo.

Convencionou-se adjetivar essa empreitada machadiana pelo dístico “realismo psicológico”, que indica a sua lucidez crítica e a residência de seus escritos: a mente humana. Brás Cubas nada mais é que um verme a observar-corroer, com acuidade, os meandros de

intenções e desejos submersos na cavidade nerval humana, epicentro irradiador da vida social, política, familiar e até mesmo amorosa.

Não obstante, o narrador-personagem não se conforma, entrega-se ou resume-se ao racionalismo de sua época, na medida em que situa a Razão como apenas mais um personagem das tramas da alma humana, sendo tão débil e fraca como a Sandice, numa compreensão de que o mais perene é a luta entre essas, juntamente com os demais elementos do ser, no turbilhão interno humano, que vive vacilando entre essas duas tendências (razão X loucura, paixão), cambaleando, como o estilo do narrador.

Entretanto, essa complexidade machadiana floresce em meio ao público-leitor da época inserido nos moldes romântico e realista, ora desejoso de paixão e lágrimas (leitor “frívolo”), ora zeloso de lógica e realidade (leitor “grave”). Os ânimos desses dois leitores se manifestam no decorrer do livro na pena do autor (sendo logo apresentados no prólogo: o leitor “frívolo” e o “grave”, respectivamente), que instrumentaliza a metalinguagem, o diálogo com o leitor, dentre outras estratégias estilístico-narrativas para “educar”, “moldar” este público a sua compreensão apurada do mundo, no dizer de Eduardo Portella, a “superior confluência dos estilos”⁸.

Nessa direção, outra estratégia machadiana característica das *Memórias* é o desdém do narrador-personagem (um “defunto autor” e não “autor defunto”) por si próprio e sua obra, no sentido de ironizar agudamente o próprio leitor mediano, que ocupa seu olhar na ação, no enredo linear, moldado numa sequência narrativa novelesca, sem investir na viagem (odisseia) de Assis pelo pensamento, pela história das ideias, pelo esquadrinhamento das potências e limitações humanas.

Através desse recurso, o autor impetra se alçar acima da própria obra, porquanto demonstra ao leitor que pode se situar fora da *diageris* do livro, observando dessa instância olímpica seu estilo. Machado apresenta a faculdade dos grandes filósofos, que atuam de maneira a ver e serem vistos (auto-reflexão), e dos grandes poetas, de enunciar pela palavra essa condição existencial de duplicidade, dibiquidade⁹, acrescido dos emaranhados de utopia e encarnação, sonho e realidade, do “realismo sem adjetivos”, vagueante entre o céu e a terra.

⁸ Eduardo Portella, in *Escolas Literárias do Brasil*. 2004. Academia Brasileira de Letras ABL, Coleção Austragésilo de Athayde, Org. de Ivan Junqueira, pp.357-362.

⁹ Neologismo a partir de ubiquidade, caráter de estar em todos os lugares ao mesmo tempo, e dois. Logo, capacidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Múltiplo aos ares, alçado ao sabor do vento e dos hálitos de cemitério, alma planária, desço, escorrego, pelo limbo... sem ir ao inferno, risos altos daqui, aqui, casa, coma, redoma do real...

Cai a realidade, sem meandros de delírios, desdêns, preleções de pais. Machado rígido, todo frouxo, flui... Que peguem suas toras. Engulo seco. Assis amava os pobres, Assis olhava meio de soslaio, como Virgília sobre o livro, a ver o seu leitor, a esperar aplausos em meio a observações, como o primo da amante. Como cego, levado pelas coisas, as levando pela mão do pensamento, nem confiante, nem coerente, meio cortante, mestre de sua vida no papel, o autor madeira seca salivada de riso-ferro afiado, vê a pobreza em si, do seu lado, a esvair-se no tempo, o real, a palavra e o ser, pensamento no tempo. Alma penada, espírito flutuante, desencarnado...